

O ENCANTO DA LUA NOVA

ALONSO ALVAREZ

O ENCANTO DA LUA NOVA

[NOVA EDIÇÃO REVISTA]

SÉRIE 11º ANDAR

TEMPORADA 1



Copyright © Alonso Alvarez

Projeto editorial/gráfico Alonso Alvarez

Ilustração da capa Rafa Antón

Revisão Ana Maria Barbosa

Selecionado pela FNLIJ para participar do catálogo
e da 43rd Bologna Children's Book Fair 2006.

[1ª Edição em 2005]

As situações e os personagens desta obra são ficcionais.

*Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alvarez, Alonso

O encanto da lua nova / Alonso Alvarez. -- 2. ed. -- São Paulo :
Ficções Editora, 2025. -- (Série 11º andar ; 1)

ISBN 978-65-87622-27-9

1. Fantasia - Literatura infantojuvenil 2. Magia - Literatura
infantojuvenil 3. Realismo fantástico 4. Realismo mágico (Literatura)
I. Título. II. Série.

25-254121

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

2025

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA

rua Correia Galvão, 57

01547-010 – São Paulo – SP

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

SUMÁRIO

PERSONAGENS PRINCIPAIS, 9

EPISÓDIOS

1, 13 28, 104

2, 21 29, 106

3, 24 30, 108

4, 27 31, 112

5, 33 32, 115

6, 35 33, 117

7, 38 34, 119

8, 43 35, 122

9, 45 36, 125

10, 50 37, 127

11, 53

12, 56 NOTAS, 131

13, 60 O AUTOR, 133

14, 66 TEMPORADAS, 135

15, 68

16, 71

17, 74

18, 76

19, 80

20, 84

21, 86

22, 88

23, 90

24, 92

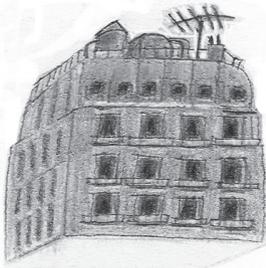
25, 94

26, 98

27, 100

PARA CHRISTIANE, ISADORA E RAFAEL





SEU CARLOS / ZELADOR

14º - RI

13º - TREZE

TURISTA - 12º

11º - O ANDAR QUE NÃO EXISTE

**10º - A BIBLIOTECA
LABIRÍNTICA E INFINITA
DO SR. JORGES**

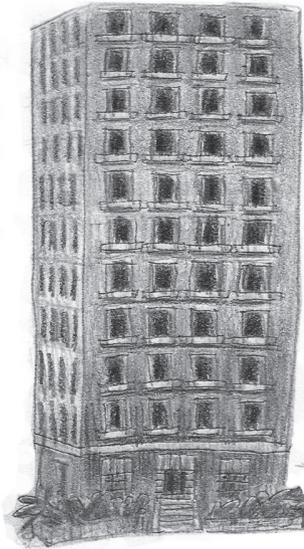
CLARA - 9º

BAND-AID - 8º

MARINA - 7º

7º - SR. JÚLIO / SÍNDICO

**CONTRA - 5º
E O CÃO LUPICÍNIO**



O POSTE DO LUPICÍNIO

PERSONAGENS PRINCIPAIS

TURISTA - Gilberto. Ele conta que, um dia, entrou no elevador e apertou todos os botões só para zoar com o próximo usuário. No entanto, o elevador não parou mais de descer e ele acabou chegando na China, do outro lado do planeta. Durante a viagem, tirou várias fotos pela janelinha do elevador, incluindo até um registro de fósseis de dinossauro. Agora, carrega essas fotos nos bolsos e até arrisca falar algumas palavras em chinês. Ele come sem parar, justificando que precisa compensar a “falta de gravidade” no estômago, causada pelo tempo que passou de ponta-cabeça durante a viagem. Isso é um problema, já que ele é gordinho, mora no 12º andar e, após desenvolver medo de elevadores, só sobe e desce pelas escadas.

PANO-AÍO - Armando é míope e usa óculos com lentes grossas, mas prefere não enxergar a vida com nitidez, alegando que isso o irrita. Por essa razão, vive sujando e embaçando as lentes de propósito. Com os óculos sujos, ele tropeça constantemente nas coisas que estão pelo caminho, caindo e se machucando. Quando isso acontece, ele se agacha, tira do bolso uma caixa de primeiros socorros e faz o curativo ali mesmo. É um filósofo inquieto, curioso e muito inteligente. Raras vezes limpa as lentes para enxergar melhor.

CONTRA - Alfredo recebeu o apelido de “Contra” ao se mudar para o prédio, trazendo consigo seu cachorro, Lupicínio. O síndico tentou expulsar o animal alegando as regras do condomínio, mas Alfredo organizou um movimento em defesa de Lupicínio, contra sua expulsão. O cachorro venceu a disputa e permaneceu no prédio.

LUPICÍNIO - Cachorro. Durante os protestos para ele ficar no prédio, no meio de uma discussão no elevador, ele mordeu o síndico. Desmaiou na hora, ficou doente, com febre, foi internado. Os meninos alegaram que ele adoeceu depois de morder a perna do síndico, que era feita de “carne estragada” e intoxicou o cão. Além de garantir o direito de Lupicínio ficar no prédio, conseguiram que o condomínio ressarcisse as despesas veterinárias para tratar o cão.

RI - Ricardo. Foi adotado por um casal de idosos que mora no apartamento 145. Ele morava na rua em frente ao prédio e vendia balas no semáforo. Está sempre sorrindo, feliz.

TREZE - Luís. Os pais se separaram e ele escolheu ficar com o pai e veio morar no prédio. A mãe continuou no apartamento onde eles moraram, do outro lado da avenida, em frente ao prédio. Treze passa horas com um binóculo vendo a mãe na nova vida. Tímido, vivia trancafiado no quarto. Quando ele se mudou para o prédio, os adolescentes da turma lembravam dele como o menino do Treze – assim, quando se enturmou, surgiu o apelido.

MARINA - Não faz parte da turma, mas é amiga de todos. Quando a Annabel, a feiticeira, morou no 11º andar, a menina fez uma viagem à Lua. Nas noites de lua cheia, Marina encanta os amigos contando histórias sobre os lugares que visitou no satélite.

CLARA - Morava numa casa na periferia com os pais. Vieram para o prédio atrás de segurança. Ela sofre de vertigem e nem se aproxima da janela do seu quarto no 9º andar. Gosta de astronomia, tem um telescópio e ficou feliz de residir num prédio, podendo, assim, estar mais próxima das estrelas.

SR. JORGES - Velho cego que tem uma biblioteca labiríntica e infinita que ocupa todo o 10º andar e além. Fascinados pelos mistérios do lugar, os adolescentes do prédio adoram visitá-lo e ouvir as histórias e poemas dos livros.

SEU CARLOS - Zelador.

SR. JÚLIO - Síndico, chato e cheio de regras.

HÓSPEDES DO 11º ANDAR - A cada temporada, os adolescentes, o velho cego e o cachorro conseguem descer no 11º andar, o andar que não existe, e encontrar hóspedes inusitados, como Annabel, uma feiticeira prisioneira de um encanto; escritores e poetas: Poe, Fernando Pessoa, Emily Dickinson, Rimbaud, Whitman e Kafka; filósofos, cientistas, matemáticos e astrônomos: Platão, Pitágoras, Tales de Mileto, Isaac Newton, Ptolomeu e Galileu; tipógrafo e bibliófilo: Gutenberg e Rooster; e a gênica Zira.



— Que história absurda, Turista! Você tá inventando tudo. Eu te conheço...

— Verdade, Band-Aid. Aconteceu do jeitinho que eu tô contando... Quer dizer, em algumas partes eu exagerei um pouco...

— O quê, por exemplo?

— Que aquela aranhona subiu na minha perna...

— Não subiu? — protestou Ri. — Foi a parte que eu mais gostei!

— Não, claro que não! Ou alguém já viu algum bicho subir numa perna toda mijada?

— Você se mijou?! — perguntou Treze.

— E quando me mijo de medo, mijo fedido demais! A aranhona saiu rapidinho de perto!

Todos riram.

— Mas aí a coisa melhorou — continuou Turista. — A aranhona saiu correndo e eu só fiquei olhando. Ela passou por duas pernas e se escondeu atrás delas, assim como o Lupicínio faz com o Contra de vez em quando; ficou só com a carinha pra fora, olhando pra mim, assustada...

— Au, au! — concordou Lupicínio.

— Aí eu levantei os olhos do chão, bem devagarinho... Primeiro vi aquelas pernas lindas... Lindas, lindas!

Turista arregalou os olhos e continuou:

— Eram lindas! Lindas! Aí depois eu vi os joelhos, as coxas... Isso mesmo! As pernas não acabavam nunca, e eu fui subindo com o olhar, sem piscar. Não dava pra piscar... Continuei subindo, olhando devagarinho, até que eu vi aquilo, bem no meio das pernas...

— Aquilo?! — exclamaram todos. — Você viu?

— Isso mesmo! Aquilo! Bem no meio das pernas dela... Toda peluda... Eu nunca tinha visto uma igual!

— Tá! E por acaso você já viu alguma? — duvidou Contra.

— De longe, sim! Pelo binóculo já vi várias nos outros prédios. Até a da mãe do Treze já vi, quando ela anda pelada pelo apartamento...

— Para de espiar a minha mãe. Continua... — pediu Treze.

— Aí eu fui subindo com os olhos, devagarinho... De vez em quando eu voltava pra ver aquilo, mas fui subindo até chegar nos peitos dela...

— Seios! — corrigiu Band-Aid.

— Isso mesmo! Dois seios lindos! Lindos! Nem grandes nem pequenos, mas lindos, com as pontas bem vermelhinhas...

— Mamilos! — corrigiu Band-Aid.

— É! Com eles bem vermelhinhos! Então continuei subindo com os olhos, mas sempre voltando pra ver aquilo e os seios dela. Aí cheguei no rosto dela, nos olhos: negros, um pouco escondidos entre o cabelo grande e solto, me olhando, sem piscar...

— E então? — perguntou Treze.

— Então ela sorriu pra mim... Ficou me olhando e sorrindo.

— E a aranhona? — quis saber Band-Aid.

— Subiu na mulher até chegar no ombro dela. Ela puxou o cabelo pro lado e a aranhona ficou ali, olhando pra mim. A mulher deu um beijo no bicho e disse: “Beatriz, não se assuste. É só um menino”. E que voz ela tinha! Que voz!

— Eu, hein! — comentou Contra. — Beijar uma aranha!

— Au, au — concordou Lupicínio.

— Aí ela apontou uma poltrona — continuou Turista. — Pedi pra eu sentar. Com aquela voz, atendi na hora. A luz era pouca, então ela sentou-se numa outra poltrona, entre duas tochas, que se acenderam de repente, do nada, iluminando-a inteirinha, com as pernas cruzadas... Ela ficou assim, me olhando o tempo todo, com aqueles olhos negros... Ameacei me levantar. Ela pediu que não fizesse isso. Então ela perguntou o meu nome. Respondi. Ela disse o dela, sorrindo: “Annabel”.

— O que aconteceu depois? — perguntou Band-Aid.

— Ela ficou me olhando, sorrindo, me deixando sem jeito. Ficou um tempão assim. Aí ela disse que ia fazer uma magia. Levantou a mão, abriu e fechou bem devagar...

— Continua — pediu Ri.

— Agora não dá! Preciso ir ao banheiro. Tô apertado!

Turista levantou-se e saiu da sala.

— Aposto que ele pediu um tempo pra inventar o resto da história — comentou Band-Aid.

— Pois eu acho que não — discordou Contra. — Até agora ele não se perdeu em nenhum detalhe.

— Se for verdade mesmo, também quero conhecer essa mulher — falou Ri.

— Como? — rebateu Band-Aid. — O 11º andar só existe na imaginação do Turista. Nesse prédio o elevador salta do

10° pro 12°. Nem adianta ficar apertando o botão 11... Aposto que ele sonhou de novo...

— Tem sim! Eu estive lá! O 11° andar existe! Eu vi! — gritou Turista, voltando do banheiro, fechando o zíper da bermuda.

— Se você molhou todo o banheiro, vai ter, Turista! — replicou Band-Aid. — Pensa que não sei que você gosta de mijar se afastando do vaso pra ver a força do jato?

— Nem vem! Todo mundo aqui sabe que eu sou imbatível no mijo a distância. Derrubo até lata de óleo vazia!

— Continua com o sonho — pediu Treze.

— Não foi sonho! Se fosse um sonho, vocês acham que ia ser tão legal assim? O que me aconteceu foi verdade! Eu tava acordado, e muito bem acordado, com os olhos bem abertos... Foi assim: entrei no elevador pra apertar todos os botões e apertei o 11...

— Mas você morre de medo de elevador — lembrou Ri.

— Escuta! Dá pra escutar? Saí pra ir ao apartamento do Treze, então vi a porta do elevador aberta. Pensei que era alguém chegando com compras e fui fuçar... Sempre dá pra afanar um chocolate, um biscoito... Sabem como é que é?! Nessa de ajudar a tirar os pacotes, dá tempo pra enfiar alguma coisa no bolso... Mas não tinha ninguém! Aí deu aquela coceirinha incontrolável no dedo...

— Sei! — imaginou Band-Aid.

— Fazer o quê? Sofro dessa doença, não posso ver botão de elevador...

— Tá! Continua, Turista — pediu Contra.

— Então... Aí aproveitei a oportunidade pra apertar todos os botões! Foi quando apertei o 11. Só que não deu tempo pra sair. A porta se fechou de repente, e o elevador só foi parar lá...

— No 11° andar?! — perguntou Treze.

— Lá mesmo. Então pensei: “Faz tanto tempo que não ando de elevador que poderiam ter construído o 11º andar e não tinham me avisado. Que só dava pra chegar de elevador, pois ainda não tinham reformado a escadaria do prédio...”

— Mas é um idiota — cortou Band-Aid. — Eu não acredito no que tô ouvindo!

— O que você queria que eu pensasse? Eu tava lá, num andar que não existia...

— Continua, Turista — pediu Treze.

— Onde eu tava?

— No andar que não existe... — lembrou Contra.

— Aí... saí meio desconfiado. Olhei o corredor e só vi uma porta...

— Só uma?! — espantou-se Ri.

— Só uma! Muito larga e alta, de madeira grossa, rangendo, cheia de teias de aranha, no fim do corredor...

— Rangendo? Teias de aranha? — assustou-se Treze.

— Tá bom! Exagerei um pouco! Não tava rangendo nem tinha teias de...

— Para de inventar, Turista! — gritou Band-Aid.

— E você foi lá e bateu na porta? — adivinhou Ri.

— Claro! Já que eu tava lá, não custava nada. Mas nem precisei bater! Quando cheguei perto da porta, ela se abriu sozinha...

— Sozinha? — espantou-se Contra.

— É! E aí, já que abriu, eu entrei... Foi quando dei de cara com a aranhona...

— Isso você já contou — cortou Treze. — Continua de onde parou, na hora da magia.

— Então... Ela tava sentada ali, na minha frente, entre

duas tochas acesas, me olhando, sorrindo... Aí ela abriu e fechou a mão bem devagarinho, olhando pra mim o tempo todo e, na minha frente, sobre uma mesinha, apareceu um bolo de chocolate com um monte de cerejas em cima... Dá pra acreditar? Adoro cerejas!

— E aí? — quis saber Contra.

— E aí? Aí, comi todo o bolo, todas as cerejas e, quando arrotei, já não tava mais lá, mas sentado nos degraus da escadaria, entre o 9º e o 10º.

— Quer dizer que você encontra um andar que não existe, entra num apartamento que não existe, encontra uma mulher pelada que nunca existiu, de cabelos compridos e com uma aranha no ombro, e aí devora, sozinho, um bolo de chocolate com cerejas, e depois, simplesmente, arrota?! — indignou-se Band-Aid, passando as duas mãos na testa e desarrumando ainda mais o cabelo.

— Mas... — emendou Treze, já entusiasmado com a história — se ela mora num andar que não existe e é capaz de fazer aparecer um bolo de chocolate do nada, ela é uma feiticeira, não é?

— Claro! — confirmou Turista, sem pestanejar e feliz com a nova amizade que acabara de fazer.

— Que história absurda! — comentou Band-Aid.

— Que seja — falou Contra, fascinado com o relato de Turista. — Mas se essa história for verdadeira, se essa mulher existir mesmo, se ela for realmente uma feiticeira, então, isso é legal demais!

— Também acho! — apoiou Treze. — E bem que ela podia resolver o nosso problema com o síndico...

— Au, au! — concordou Lupicínio, abanando o rabo.

— Boa ideia! — apoiou Turista imediatamente. — Isso mesmo. Vamos já pedir pra Annabel fazer um feiticinho. Quem sabe ela transforma o síndico num sapo...

— Sapo?! — cortou Treze. — Em sapo só se transforma quem é príncipe. Não conhece a história?

— Então numa lesma! — continuou Turista. — É bem o jeitão dele.

— Numa pulga! — sugeriu Ri.

— Au, au! — discordou Lupicínio, encarando Ri e mostrando os dentes.

— É mesmo, Lupicínio — falou Ri, passando a mão na cabeça do cão. — Numa pulga não dá. Já pensou aquela anta virar uma pulga e pular em você... Ele ia adorar.

— Au, au — concordou Lupicínio.

— Isso mesmo. Essa ideia é ótima! — gostou Turista.

— Au, au! — discordou Lupicínio.

— Não! Pulga, não — explicou Turista. — Mas em anta! Já que ele é uma anta, nada mais justo do que juntá-lo à espécie.

— Não! — protestou Band-Aid. — E você não sabe que é desumano manter uma anta num prédio? A coitada não ia caber no elevador nem conseguir subir e descer a escadaria. E logo todo mundo ia perceber...

— Ora, a gente fala que o síndico engordou um pouquinho, que ele sempre foi feio feito uma anta, só que ninguém tinha notado antes de ele engordar...

— É desumano — insistiu Band-Aid.

— Pois eu achei melhor a ideia da lesma — falou Ri.

— Pensando bem, também acho — concordou Turista.

— Vou adorar jogar uma pitadinha de sal nela...

— É desumano — repetiu Band-Aid.

- Droga, tudo é desumano! — inconformou-se Turista.
- Pois então a gente podia pensar numa “coisa” — sugeriu Contra.
- Numa “coisa”?! — Ri não entendeu.
- Isso mesmo! — concordou Band-Aid, compreendendo logo. — Assim não ofenderíamos nenhuma espécie animal.
- Em que “coisa”? — quis saber Treze.
- Qualquer coisa! — entusiasmou-se Turista, cheio de ideias — É só usar a imaginação: um para-raios, um penico... Um penico! Isso mesmo! Seria ótimo!
- Gostei do para-raios — comentou Treze.
- Se ninguém tiver outra sugestão, vamos votar: para-raios ou penico? Vence a maioria... — propôs Contra.
- Um poste! — sugeriu Ri, em tempo.
- Au, au! — apoiou Lupicínio, imediatamente.